

OS ENCONTROS DE ESTRADA NA CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS MOCHILEIROS: UM ESTUDO DO PROJETO “NOVA ORIGEM – PEDALANDO AO REDOR DO MUNDO”

Thomas Gomes Sant’Ana de Castro ¹

Humberto Fois Braga ²

RESUMO

O artigo busca compreender como os mochileiros, do Projeto Nova Origem, constroem, por intermédio dos relatos de viagem postados em blog, as características do personagem mochileiro e as especificidades de suas experiências de deslocamento. Nova Origem é o nome de um projeto realizado por três mochileiros que percorrerão, de bicicleta, cerca de 40 países no prazo de 03 anos e meio. Para estruturar o trabalho, a viagem será compreendida enquanto narrativa, e os mochileiros como uma personagem deste texto em deslocamento. Assim, são analisados 28 relatos postados no blog, o que corresponde o período que se inicia com a data de partida (18 de abril de 2010, saída de Juiz de Fora) até o relato do dia 23 de agosto de 2011, quando se encontravam no Peru. A principal conclusão é que ao final dessa pesquisa pode-se falar mais concretamente em um perfil de mochileiro, bem como algumas características marcantes nesse personagem. E ainda chega-se ao final com uma base de idéias estruturada para a interpretação das outras esferas envolvidas com a viagem dos mochileiros.

Palavras-chave: Narrativas de viagens, mochileiros, encontros, relatos, “Nova Origem”.

¹ Graduando em Turismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF. Email: tothogomes@gmail.com

² Professor Assistente I no Departamento de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: humberto.fois@ufjf.edu.br ou humfois@gmail.com

INTRODUÇÃO

Viajamos para descobrir universos possíveis. Todavia, cada viajante tem a sua própria maneira de estruturar o *modus operandi* que permeará a sua mobilidade, o que afetará as maneiras como ele se relacionará consigo e com outros. Neste âmbito, partindo-se desta premissa que relaciona estilo de deslocamento com os modos de interação que ocorrem ao longo da viagem, este artigo pretende responder à seguinte inquietação: “como o personagem mochileiro é construído através das relações de estrada?”

Para tal discussão, o trabalho é estruturado em duas premissas. A primeira nos diz que toda viagem pode ser lida enquanto texto, e sendo uma narrativa, apresenta todas as estruturas próprias deste elemento (personagens, narradores, tempo, espaço e enredo). Derivado deste pressuposto, também compreendemos que os mochileiros é um tipo de personagem turístico, que merece ter seus caracteres interpretativos analisados. Unindo estas duas intenções, o artigo analisará os discursos que os viajantes mochileiros do Projeto “Nova Origem” estruturam para falar de si e de suas experiências de deslocamento.

Nova Origem é um projeto desenvolvido por três ex-alunos da Universidade Federal de Juiz de Fora. Estes amigos se propuseram realizar uma viagem de bicicleta, no estilo mochileiro, que percorrerá cerca 40 países, o que corresponde a 45.000 quilômetros e três anos e meio de viagem. Além de interagirem

entre si, com as populações locais, outros viajantes e com a própria família, amigos e leitores do blog, os referidos mochileiros pretendem plantar mudas de plantas e oferecer palestras sobre sustentabilidade em algumas localidades.

Assim, nossa pesquisa analisa os relatos de suas viagens que foram postados no site do Projeto³. Concentraremos a análise no período que se inicia com a data de partida (18 de abril de 2010, saída de Juiz de Fora) até o relato do dia 23 de agosto de 2011, quando se encontravam no Peru. No total, serão analisados 28 relatos discursivos: 16 realizados em território brasileiro, 10 na Bolívia e 02 no Peru. Assim, pretendemos compreender como os viajantes do “Nova Origem” constroem o discurso sobre a *persona* mochileiro e suas experiências de viagem.

AS VIAGENS ENQUANTO ENCONTRO DE PERSONAGENS

Como sugere Ianni (*apud* WADA *in* DENCKER *et* BUENO, 2003, p. 66), viajar é se lançar no caminho da imaginação e, assim, “atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades”. Neste sentido, viajar é se deparar com o inusitado e fazer comparações entre o lar e o lá, o que permite que o visitante construa sua própria identidade e seu lugar no mundo – vendo como os povos vivem no “lá”, este turista, quando de

³ NOVA ORIGEM: PEDALANDO AO REDOR DO MUNDO. Disponível em: <http://novaorigem.com.br/>. Acesso em: 22 de setembro de 2011.

retorno ao seu “lar”, é capaz de melhor se posicionar em relação aos outros, pois expande sua visão e compreensão das sociedades. Em outras palavras, viajar é encontrar o seu lugar no mundo.

Mas, só conseguimos construir nossas experiências de viagens e, mais ainda, nossa identidade e nosso lugar no mundo, a partir das memórias, ou melhor, a partir das narrativas que nos contamos para saber onde fomos e quem somos. Em certo sentido, só existimos enquanto indivíduos, com suas experiências mais diversas (inclusive as de viagens) através da fala que nos constroem via textos.

Enfim, narrar é ordenar, construindo um mundo através de uma seqüência de eventos: “mas afinal, o que é mundo? Numa fórmula simples podemos afirmar: mundo é o que pode ser dito. *Mundo é o conjunto ordenado de tudo aquilo que tem nome.* As coisas existem para mim a partir da denominação que lhe empresto” (DUARTE JÚNIOR, 2006, p. 22) [grifo nosso].

Para a linguagem gerar uma experiência capaz de narrar a identidade e a alteridade, ela precisa de se expressar pela fala, em uma seqüência de códigos capazes de serem compreendidos e aceitos. Tal seqüência é o que se denomina de narrativa do discurso. O ato de contar traz o movimento de se inserir em um grupo, e assim há a tensão de participar e a esperança de ser aceito por uma comunidade a partir da fala, do relato. Aqui, observa-se que a narração é um ato de relacionar(-se), posicionando, na fala, a diversidade e

a dialética existe entre o que sou (eu) e o que não sou (o outro).

Sabemos que uma narrativa se expressa via algumas categorias, como narrador, personagens, espaços, enredo e temporalidade (GANCHO, 2006). Não nos cabe, neste momento, discutirmos como todas estas categorias textuais constroem as experiências de viagens; e, assim, colocaremos em destaque os “personagens das viagens”.

Podemos pensar as experiências de deslocamento como sendo composta por 04 tipos básicos de personagens que se encontram, se relacionam, confrontam-se, posicionam-se e se narram. Ora como anfitrião, ora como hóspedes, sugerimos que os enredos de viagem se estruturam através dos relacionamentos dos seguintes personagens: (1) *visitantes*: sejam estes turistas e/ou viajantes (URBAIN, 2002), pouco nos importando, neste momento, se de fato existe uma diferenciação interna neste grupo de personagens deslocados e que provisoriamente se encontram “fora de casa”; (2) *os residentes do local visitado*: ou seja, todos aqueles moradores que, na terminologia dos estudos turísticos denominamos de “comunidade local” (HALL, 2001). No entanto, devemos tomar cuidado para não cairmos em uma visão simplificada, que enxerga os moradores como uma massa compactada e, conseqüentemente, elimina das discussões as relações de poder que lhes perpassam; (3) *os prestadores de serviço turístico*: mesmo sendo residentes do local, em seus cargos de profissionais do

turismo assumem um outro posicionamento nos relacionamentos com os seus clientes, uma vez que passam a ter uma prevalência (mas não exclusividade) de uma lógica de mercado, o que diversos autores (CAMARGO, 2004; LASHEY *et* MORRISON, 2004) denominou de “hospitalidade comercial”; (4) *amigos, parentes e conhecidos que não viajam*: normalmente esquecidos nas discussões turísticas, devemos pensar o papel desempenhado por estes personagens que, embora não sejam diretamente participantes da viagem, atuam à distância nas experiências dos viajantes, e servindo, muitas das vezes, como leitores e espectadores das narrativas dos seus próximos que estão no processo de pré, trans ou pós viagem.

Enfim, cremos que são as relações entre estes personagens da viagem que devemos pensar, estudando o comportamento engendrado e os posicionamentos identitários construídos pelas relações entre eles.

Todavia, se observarmos estas 04 categorias, veremos que os “visitantes” são a nossa peça-chave, uma vez que os demais personagens, ao menos em nossa estrutura narrativa, gravitam em torno destes seres nômades e deslocados. Por isto mesmo, e uma vez que partimos da premissa de que o eu é construído na relação com o outro (e vice-versa), é importante compreendermos qual tipo e *persona* de visitante que desejamos destacar nas nossas análises. Afinal, as narrativas de si e da alteridade que

circulam pelo universo das viagens dependem dos autores (dos viajantes, turistas, mochileiros, intercambistas, etc...) que falam de suas experiências.

OS MOCHILEIROS ENQUANTO UMA PERSONA TURÍSTICA

Talvez, um tipo de visitante que esteja, na contemporaneidade, melhor ocupando os palcos (locais) onde as cenas turísticas se desenrolam são os mochileiros. Fazendo parte de uma narrativa alternativa das experiências turísticas, estes mochileiros representam um modelo de enredo que pretende ocupar tempos, espaços e motivos que fujam dos discursos tradicionais. Assim, estes personagens terão mais voz neste trecho deste estudo.

A prática dos turistas que viajam sobre a moldura do “mochilão” está cada vez mais comum entre o tão novo quadro de representações turísticas modernas. Os mochileiros ou *backpackers*, como são mais conhecidos, atualmente se enquadram em uma categoria muito particular de “personagens-turísticos”. Constroem suas narrativas de viagem, embasados em características muitas vezes marcantes, como é o caso do turismo sob a forma de experiência, e da condição de viajarem sozinhos, ou seja, destituídos de um corpo social que os intimidam. Neste conjunto de características próprias, Loker-Murphy e Pearce (*apud* OLIVEIRA, 2005, p.05) o definem como sendo:

Turistas jovens e econômicos que mostram preferência por acomodações baratas, enfatizam o encontro com outras pessoas (locais e estrangeiras), organizam o itinerário da viagem de forma independente e flexível, seus períodos de férias são longos e buscam atividades recreativas informais e participativas.

Muitos traços marcam a forma dos mochileiros realizarem suas viagens, como: (1) programação da própria viagem ao longo de vários meses; (2) grande interesse pela cultura, sociedade, meio ambiente e economia dos lugares que visitam; (3) a questão da pechincha, onde o mais importante é pagar menos, principalmente com os gastos de alimentação e hospedagem. Fator este que passa a ser marca de *status* entre os mochileiros: quem paga menos e ao mesmo tempo recebe um serviço de qualidade é digno de contar boa peripécia mochileira. Sawaki (2010) afirma que esse tipo de postura pode levar o mochileiro a não conhecer de fato a realidade econômica do determinado local, portanto não se deve estabelecer uma relação de obrigação da barganha e sim de um acordo que seja bom para ambos os lados.

Definitivamente, a principal marca desses personagens turísticos é a condição de total disponibilidade para o improvisado em cena e para as situações inusitadas, justificada muitas vezes por essa condição de “identidade descentrada” dos mochileiros, no qual estão sempre na tentativa de alcançar um estilo de

vida próprio. Em um estudo do Instituto “Ecobrasil” de Ecoturismo e Turismo, são apontadas questões típicas dos mochileiros, “se gostam de um lugar e preferem ficar mais tempo”, isso não é um grande problema para o curso de sua viagem, para participar de eventos no qual se deparam ao longo do caminho, interrompem também o seu roteiro e se surgir por ventura algum tipo de trabalho temporário, tendo findado seu dinheiro, reduzem a permanência ou mudam para lugar mais barato.

Característica essa que nos faz remeter às idéias sugeridas por Zygmunt Bauman, onde a modernidade não tem barreiras sólidas e conceitos firmados. Estamos inseridos em uma sociedade cada vez mais plural, fluida e sem delimitações de lugares, coisas e pessoas, onde “os quadros de referência são voláteis, temporários, compráveis e vendíveis em uma velocidade em que tudo o que nos apegamos é transitório e temporário” (BAUMAN *apud* JUODINIS, 2004, p. 04).

Dessa forma, podemos nos indagar sobre de que forma sairão esses três mochileiros do Projeto Nova Origem depois de todas as vivências ocorridas ao longo desse extenso ritual de passagem. Será possível quantificar as trocas de relações e as interações diversas entre eles, os que encontrarão ao longo dos deslocamentos, bem como suas famílias e amigos? O mochileiro carrega consigo uma nova proposta turística ao buscar algo além da motivação comum do ir e vir.

Porém, no imaginário contemporâneo, e no próprio discurso destes personagens do turismo, a cultura dos mochileiros enfatiza a questão da sustentabilidade, das práticas conservacionistas, da intensa interação com a comunidade receptora, ou seja, uma forma de viagem não geradora de impactos. Também é colocada como de grande importância pessoal para àqueles que a realizam, e na maioria das vezes é acompanhada de grandes discursos de liberdade, autoconhecimento e intensas trocas culturais. Mas, na prática desse tipo de viagens, realmente há a presença de todos esses conceitos que levam o mochileiro a ser colocado como um total nômade desbravador? Será fidedigna, a existência de uma “cultura backpacker”, ou é apenas uma visão romântica sobre estes viajantes que andam por aí vivendo e experimentando lugares e culturas?

Eles são comumente estereotipados devido a sua origem histórica, porém não são homogêneos como aparentam, por isso Cohen (2004) afirma que há uma grande lacuna entre a ideologia original e a prática atual de parte dos mochileiros, que se assemelham mais ao turista comum do que eles mesmos admitem (SAWAKI, 2010, p.3-4).

Abarcando essa discussão dos mochileiros com uma visão mais crítica, podemos apontar algumas questões que representam essa personagem turística com caracteres muito próximos dos demais tipos de papéis turísticos tradicionais. Neste

sentido, os mochileiros não se diferenciaram substancialmente dos turistas de massa.

Esses viajantes, ao longo de suas intensas jornadas não conseguem estar delimitados em uma bolha que os coloca no patamar de viajantes alternativos. Utilizam mecanismos facilitadores diversos, como alimentos rápidos (tipo embalados) e acabam não se alimentando da culinária local, cartões de créditos, internet como ferramenta de comunicação e de obtenção de *status*, dicionários e guias de seu próprio idioma. Enfim, práticas questionáveis sobre o discurso utilizado e a realidade de suas viagens.

Desta forma, não apontaremos neste estudo se a cultura dos mochileiros é válida ou não. Interessa-nos apenas discutir pontos relevantes, sejam eles positivos ou negativos acerca dessa personagem do turismo que cada vez mais ganha espaço nas discussões acadêmicas. Interpreta-se com as palavras de Oliveira (2005), que acima de qualquer hipótese, no “enredo turístico” aqui estudado, há uma “maior chance” ou espaço para o diálogo entre os envolvidos nesse processo turístico, sugerindo assim uma idéia de um possível equilíbrio, que possa gerar quem sabe, uma idéia, mesmo que remota, de sustentabilidade, marca central da cultura dos mochileiros.

Aliás, este suposto equilíbrio da experiência dos mochileiros, fica expresso nas falas de diferentes autores que mencionam a relação entre os dois principais personagens da narrativa turística, a saber: o

visitante (mochileiro) e a comunidade visitada:

(...) os turistas backpackers apresentam características e comportamentos aparentemente mais saudáveis à população nativa. Um dos objetivos desse grupo de viajantes é exatamente interagir com as pessoas da região de destino, trocar experiências e vivenciar o cotidiano dessa gente. Nessa relação de mão dupla, tanto o turista quanto a comunidade, aprendem e ensinam (OLIVEIRA, 2005, p.81).

Levando-se em consideração toda essa gama de características e marcas próprias dos mochileiros, o que se pode inferir é que estes personagens, em sua singularidade, constroem uma narrativa de viagem, desta forma, também singular. Seja ela de maneira menos institucionalizada que as demais ou até mesmo mais simples e menos arraigada com as questões técnicas, dos discursos mais padronizados de viagens. Cabe a nós então, interpretar mais minuciosamente as marcas dessa trama que continua a se desenrolar abaixo, onde focaremos em *personas* que viajam encarnadas no papel de mochileiro, e ainda sim, conseguem inovar e trazer falas, textos e temperos inovadores para a construção da narrativa de suas viagens pelo mundo afora.

O DISCURSO DOS TRÊS MOCHILEIROS DO “NOVA ORIGEM”

Três sujeitos, três amigos, três mochileiros com o mesmo ideal de se

lançar ao palco do mundo pregando as idéias de sustentabilidade. Personagem esse, que muito antes de estabelecer contato e experienciar o outro, deve-se permitir um intenso autoconhecimento que se dá na maioria das vezes na convivência com a sua sombra do cotidiano, seu companheiro de viagem.

A idéia de viajar em grupo traz consigo muitas peripécias, como é o caso de ao longo da viagem a esfera individual de cada um ir se esvaindo, ao ponto de chegarem a misturar seus traços individuais ao longo do tempo e da convivência. De certa forma, eles parecem muito beatos – a identidade se esfacela no grupo. O uso do “nós” é constante na construção de seus diários de bordo. Cada vez menos, eles falam de questões pessoais (necessidades e saudades), como se houvesse assim uma grande situação guarda-chuva que os definisse por completo.

Muito notório é também como eles vão criando aos poucos traços que os definem enquanto viajantes daquela expedição. Cada um deles com suas habilidades, bem como limitações, se misturam e estabelecem identidades que se completam em termos de necessidades, divisões para saná-las, etc. Fato este que preserva o mínimo de individualidade presente em cada um deles - “Tiago, que é nosso aspirante a flautista, já tá ficando craque” (Goiás Velho, 07 de novembro de 2010).

Montados em seus “espaços-bike”, os três estão vão tendo ao longo dos percursos um contato muito maior que se estivessem utilizando outro

meio de transporte. Ferramenta esta que lhes colocam também diante de uma condição de maior igualdade e simplicidade diante àqueles que encontram no caminho. “Nós não imaginávamos que a interação com as pessoas, por meio da bicicleta, seria tão intensa e prazerosa” (Juiz de Fora, ao longo do 1º dia de viagem). A união entre eles se mostra logo no início das pedaladas, uma união que se justifica ao fato de estarem também na mesma condição, de ajuda diária e fraterna entre eles. Sem contar também a diversão e os momentos de descontração que a bicicleta lhes proporciona.

Porém, nem tudo são flores quando se viaja de bicicleta. Ela vai se transformando em um grande desafio. Esse meio de transporte que lhes permite vivenciar tantas coisas, é ao longo da viagem uma grande preocupação, como se fosse um filho lhes acompanhando. Necessita de cuidado e carinho, porém lhes permite grandes alegrias. Pois acima de tudo, é sua principal ferramenta de viagem e se coloca curiosamente como um grande espaço íntimo de cada um deles. Os personagens mesclam a “parte chata” da viagem, na qual tem que consertar bicicletas, resolver questões burocráticas; com um prazer, qualquer que seja ele, até desfrutar de uma paisagem.

Aliado ao fato de se locomoverem em bicicletas, emerge de maneira natural o grande cenário da estrada, grande símbolo do ritual de passagem dos viajantes. A estrada estabelece contato direto com a natureza, a mudança de cenários lhes confere a

troca de energia com os locais. As sensações que eles vão tendo juntos, vão se mostrando como liga para a convivência entre eles. A estrada pode ser colocada como uma grande personagem dessa grande volta ao mundo, personagem que não tem fala, mas lhes permite a fala, a realidade, a troca diária com a Terra. “Estamos cada vez mais íntimos da estrada e do estilo de vida que escolhemos viver” (Paracatu, 20 de maio de 2010).

As dádivas da estrada e da natureza também são muito marcantes na rotina dos mochileiros. Inesperadas e afetuosas, elas se manifestam de diversas formas, seja pela oferta de hospedagem na estrada, alimento, fruto da árvore, conserto de bicicleta, ar puro, deslumbrantes visuais. O interessante é que a retribuição dessas dádivas pode ser feita pelo simples “papo”, por exemplo. Os ciclistas recebem comida, hospedagem, conforto e retribuem com um bom papo. Porém, muitas vezes também a estrada lhes coloca a situação inversa, em que eles promovem a dádiva de ajudar.

A ajuda de outros viajantes também se faz muito presente na construção de suas narrativas de viagem nas estradas. O auxílio do desconhecido é motivado por projeção – vê nos viajantes alguns traços de um familiar ou amigos. Neste caso, o desconhecido ajudou por que seu filho também era ciclista? Ajudo aqui, como se simbolizasse um ente querido e próximo. Projeto no desconhecido meu próximo afetivo. O imaginário do território induz a interpretação sobre a personalidade

dos viajantes: o local é de peregrinação, logo, eles e os que também estão na estrada são peregrinos. A construção do outro-viajante pelo motivo da viagem que se sobressai no território.

No caminho paramos em um posto de gasolina para fazer um lanche e um senhor nos abordou dizendo que nos viu na estrada. Conversamos um pouco, seu nome era Ernesto Carneiro e ele é de Goiânia. Seu filho anda de bicicleta e ele queria nos ajudar de alguma forma e nos ofereceu de pagar o lanche. Antes que começássemos a comer ele disse que tinha que partir por conta de um compromisso e ia deixar uma ajuda para pagar o lanche. Quando demos conta, ele tirou uma nota de R\$100 da carteira, nos entregou e partiu. Ficamos sem entender nada, mas muito satisfeitos com a ajuda (27 a 29 de Maio, Formosa, Goiânia).

Outra questão é como eles buscam suas raízes nos encontros com os outros viajantes que encontram. Mesmo que indiretamente quando cruzam com um brasileiro, é como se aquele encontro fosse um impulso ao próximo destino. Em um encontro com uma baiana, é evidente essa emoção que eles se interagem. Com certeza esse momento foi para a baiana um grande mergulho em suas raízes e ao mesmo tempo para os mochileiros esses momentos são como recarregar a bateria e ver que as surpresas por onde passam são inevitáveis.

A idéia de que para os mochileiros o quão mais se assemelhe o local em

que estão do Brasil, é melhor. Porém, essa questão é um grande desafio da viagem, pois a toda hora se deparam e relacionam-se com povos e comunidades extremamente diferentes do Brasil. Vão se adequando e descobrindo um novo olhar acerca dessas pessoas (o outro, estrangeiro). O que elas têm de bom? Qual a forma de serem inesquecíveis, engraçadas e únicas?

Na estrada quando se chega ou se sai, não são momentos que passam despercebidos. É muito interessante observar como as despedidas ou boas-vindas ocorrem nas estradas, e não na casa dos hóspedes. Vão recepcionar de carro na estrada, ou acompanham os viajantes não até a porta, mas em algum trecho do caminho. “Saímos da Granja do Torto acompanhados pela Rafa que nos seguiu durante um tempo de carro. Nos despedir dela e de Brasília não foi fácil” (Brasília, 29 de outubro de 2010).

Com essa maneira tão singular de viajar, é inevitável que ao longo da viagem eles vão estabelecendo determinada rotina e estratégia de viagem (melhor definida nas questões de locomoção e de hospedagem), que passa a lhes proporcionar maior segurança e organização. Fato este que expressa a criação de hábitos e costumes enquanto nômades. Em seus deslocamentos eles passam a utilizar as caronas como meio para descansarem, economizarem em determinado trecho ou até mesmo conhecer e descobrir informações sobre o novo local em que estão. “As pedaladas estão rendendo com o

novo esquema de horário que estipulamos, de começar a pedalar bem cedo, segurar um tempo na hora do sol forte e seguir pedalando no fim da tarde” (Pirenópolis, 06 de novembro de 2010).

Já em relação às formas de se hospedarem, é muito interessante ver como vai se delineando essas estratégias ao longo dos sucessos e insucessos que vão vivendo. São presenteados com muitas dádivas no que tange ao ato de ofertar abrigo e alimento, tornando assim, um dos momentos de maior interação com a comunidade local, pois é nesse momento onde as relações da tríade *viajante-bicicleta-estrada* ficam em segundo plano para dar lugar às singularidades encontradas no novo cenário.

Considerando as premissas do projeto “Nova Origem” e também da cultura dos mochileiros, temos o fato de que é uma viagem sem muitos recursos abundantes para se hospedarem em grandes meios de hospedagem, muito menos experimentar os serviços de alimentação mais sofisticados. Dessa forma, caem no universo da inconstância na viagem, pois o que realmente importa é que consigam abrigo e alimentação gratuita ou com preços extremamente acessíveis. E ao longo desse processo de conquista que se dá em todos os lugares que passam, acabam conhecendo muitas pessoas, suas casas, seu íntimo e suas histórias de vida. Mas é muito curioso pensar que vão sempre depender das pessoas para lhes ajudar nessa determinada logística de viagem. Nesse panorama

de inconstância ainda surgem os problemas da viagem, como questões meteorológicas, problemas de saúde, na bicicleta e nos equipamentos, ou seja, os famosos “Voyage ratéacidentes”. Tudo atrasa a viagem, mas não há cronograma, não há prazo – o discurso não apresenta esta preocupação. Porém, há sempre uma providência divina ou uma emboscada da sorte que faça tudo se resolver⁴. E quando acontece um grande azar, não há problemas com isso, pois essa cortina de sorte lhes reserva alguma bonificação mais a frente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo acerca destes três personagens nos possibilitou formatar mais claramente um possível perfil sobre um mochileiro. Traços são centrais nesse perfil, como a posição de desapego e de improviso presente na viagem, bem como a condição constante de passar por situações difíceis e inusitadas no que tange ao modo de conseguirem alimentação e hospedagem por onde passam, e vão criando naturalmente hábitos em ser um ser passante, estratégias de viagem e de agradecimento aos que encontram. Pelo seu discurso, se colocam na posição de viajante

⁴ 30 de abril de 2010 (Três Marias): “Dar problema perto de casa também faz parte da sorte que continua nos acompanhando”.

05 de novembro de 2010 (Pirenópolis): “Mas a sorte continua conspirando a nosso favor, e antes de chegar na primeira esquina conseguimos uma casa para alugar por todo o feriado por um preço mais barato do que se pagássemos para acampar”.

pautado nas surpresas e dádivas que os encontros e a própria estrada podem lhe proporcionar.

O objetivo central dessas análises foi a construção dessa *persona* turística, porém nos estudos posteriores serão abordados os outros personagens dessa viagem, como aqueles que ficam, a relação com as comunidades visitadas, como também a utilização dos serviços e equipamentos turísticos que se deparam no caminho. Porém essa visão não será neutra, pois as coisas só passam a se delinear mais claramente, na medida em que condicionamos algo que as faça existir. Como nossa análise continuará embasada nas palavras dos três personagens centrais dessa viagem, os outros papéis dessa peça só passam a ter vida para nós, por escolha deles, pela presença dessas outras *personas* secundárias no discurso de cada um deles.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo, SP: Ed. Aleph, 2004. Coleção ABC do Turismo.

DENCKER, Ada et BUENO, Marielys. **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo, SP: Ed. Pioneira, 2003.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **O que é realidade**. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 2006.

GANCHHO, Cândido Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo, SP: Ed. Ática, 2006.

HALL, C. Michael. **Planejamento Turístico: políticas, processos e relacionamentos**. São Paulo, SP: Ed. Contexto, 2001.

INSTITUTO ECOBRASIL: ECOTURISMO E TURISMO SUSTENTÁVEL. Disponível em: <http://www.ecobrasil.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>. Acesso em 14 de setembro de 2011.

JUODINIS, Gisele. **Estudo de demanda receptiva internacional do segmento de turismo *backpacker***. VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 2004.

LASHLEY, Conrad et MORRISON, Alison (*orgs.*). **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. São Paulo: Ed. Manole, 2004.

NOVA ORIGEM: PEDALANDO AO REDOR DO MUNDO. Disponível em: <http://novaorigem.com.br/>. Acesso em 22 de setembro de 2011.

OLIVEIRA, Rui José de. **Estudo de demanda receptiva internacional do segmento de turismo *backpacker***. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo - Secretaria de Estado do Meio Ambiente, fevereiro de 2005. Disponível em: http://www.ambiente.sp.gov.br/ecoturismo/mataatlantica/downloads/Estudo_Demanda_Receptiva_Inter_Segmento_Turismo_BACKPACKER.pdf. Acesso em 25 de Agosto de 2011.

SAWAKI, Douglas Eigi; SAWAKI, Júlia Flores Hüller; NETO, Eduardo Hack. **Mochileiros: Um Segmento a ser Explorado no Brasil.** VI Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL - SeminTUR Saberes e fazeres no turismo: interfaces, Caxias do Sul, 2010.

URBAIN, Jean-Didier. **L'idiote du voyage: histoires de touristes.** Paris, França : Ed. Payot & Rivages, 2002.